

FALCÃO NEGRO EM PERIGO: A VERSÃO IMPERIAL DO CONFLITO SOMALI

Fabio G. Nigra¹

Tradução: Geni Rosa Duarte²

Resumo: O artigo analisa o olhar de Hollywood sobre a complexa situação na Somália, particularmente a intervenção dos Estados Unidos em paralelo com as missões de paz enviadas pela Organização das Nações Unidas, no filme *Falcão Negro em Perigo* (*Black Hawk Down*). O que se busca destacar é a surpreendente simplificação de um conjunto de problemas cuja complexidade mereceria um tratamento um pouco mais amplo e respeitoso, porque se pretende tergiversar de forma grotesca a respeito de uma ação internacional dos Estados Unidos e das Nações Unidas, caracterizada pela soberba, pelo desprezo pela diferença e pela ignorância de elementos políticos e culturais mínimos do território em que se encontravam. Também se coloca o filme em paralelo com um documentário elaborado pelo canal *The History Channel*, onde a mentira se torna uma operação prática da política exterior norte-americana dos anos de Bill Clinton. O contraste com os documentos oficiais da ONU e de ONGs que atuaram no referido território mostra claramente que a intenção do filme é mostrar uma ação imperialista dos Estados Unidos como se fosse um verdadeiro gesto humanitário.

Palavras-chave: Estados Unidos, Somália, cinema, imperialismo cultural, guerra.

Abstract: The article analyzes Hollywood's outlook about the complex situation in Somalia, particularly on the intervention of the US together with the peace missions sent by the United Nations Organization in the movie "Black Hawk Down". The remark is put on the astonishing simplification of a group of problems that, regarding their complexity, should be taken in a more thorough and respectful way. There is an intention to awkwardly tergiversate an international action between the US and the UN, characterized by the arrogance, the contempt towards differences and the unawareness of the basic political and cultural elements of the land where they were on. Likewise, it is confronted with a documentary produced by *The History Channel*, where the lie is drawn as a practical operation of the American foreign policy in Bill Clinton's years. When contrasted with the UN and the acting NGO's official records, it is shown that the intention of the movie is to make appear the American imperialist action as a humanitarian maneuver/act.

Keywords: United States of America, Somalia, movies, cultural imperialism, war.

"A palavra que eu utilizaria para descrever a Somália é 'brutal'. Desde que nascem até sua morte, cada momento da vida dos Somália está marcado pela brutalidade.

¹ Professor Adjunto (regular), Cátedra de Historia dos Estados Unidos de América, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. Endereço eletrônico: fgnigra@ciudad.com.ar.

² Doutora em História Social pela PUCSP. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em História da UNIOESTE. Email: geni_rosaduarte@yahoo.com.br.

Eu me atreveria a dizer que a vida, aqui, tem um preço muito baixo. É muito fácil perdê-la. "

Chris Daley, membro da ONG Galkaayo

A indústria cinematográfica de Hollywood é hoje um aparato cultural-industrial de dimensões únicas. Não necessariamente pela quantidade ou qualidade dos filmes, uma vez que a indústria da Índia é maior, mas por sua histórica capacidade de ocupar o lugar central no âmbito mundial, impondo condições (fílmicas, culturais, etc.) para que um filme chegue a ter sucesso (SÁNCHEZ RUIZ, 2003; FORSYTH, 2005). O que pretendemos com este trabalho é analisar tais condições através de um exemplo, e ele é parte de uma pesquisa maior desenvolvida a partir do projeto "*Hollywood como Historiador. A fórmula americana para gerar consenso através do cinema*".³ Nele sustentamos que a indústria cinematográfica norte-americana é um dos mais poderosos aparatos político-ideológicos do planeta, e por causa desse lugar de preeminência, tem uma maneira que lhe é própria de observar e contar seu próprio passado. Por meio do projeto nos propomos a refletir sobre essa particular fórmula historiográfica e discursiva, com o objetivo de estabelecer pautas de trabalho e análise. Entendemos o cinema, portanto, como um meio de comunicação massivo que tem a capacidade de "inventar" um processo histórico que pode se transformar em história real, que antes não tinha necessariamente peso no registro histórico do cidadão comum, como se pode ver a partir de filmes como "Coração Valente", em que Willian Wallace pedia pela liberdade da Escócia, quando na realidade sua luta teve origem em um conflito de interesses comerciais (HUGHES, 1999).⁴

O presente estudo se enquadra no interior de uma corrente analítica que passou a ser chamada de *História contextual do cinema*. No interior dela encontramos pesquisadores da relevância de Marc Ferro, Robert Rosenstone, Pierre Sorlin e outros, que formulam a possibilidade de estudar a história através do cinema. Quem iniciou essa corrente foi Marc Ferro, o qual pertence à escola dos *Annales*, revista que possibilitou a revalorização de fontes diversas, como é caso a que aqui nos referimos. Mas dentro desta corrente encontramos duas posições situadas em campos opostos: de um lado Marc Ferro, que formula a possibilidade do uso do cinema no estudo da história, tendo em conta que os filmes, de uma maneira ou de outra, são parte do acervo histórico e cultural; de outro, a posição de Robert Rosenstone (RANALLETTI, 1998)⁵, que chega à formulação de

³ Projeto UBACyT F 448, dentro da Programação Científica 2008-2010, Universidad de Buenos Aires, Secretaría de Ciencia y Técnica.

⁴ *Braveheart* (1995), com direção de Mel Gibson e roteiro de Randall Wallac.

⁵ Na entrevista realizada por Mario Ranalletti com Robert Rosenstone, este afirmou: "Mas Ferro não faz mais do que eu faço: examinar a validade dos filmes como uma escrita da história, relacionada ao modo como os historiadores escreveram a história. Para Ferro, os filmes parecem só refletir o passado. Isto é verdade, mas os filmes podem ser uma maneira de falar a respeito do significado do passado, também."

que a história pode ser contada através do cinema. Sem perder de vista que, tal como disse numa ocasião esse autor, não se pode medir com a mesma régua o discurso histórico dos livros e o discurso histórico dos filmes, porque cada um deles tem uma maneira de expressar os momentos e os conceitos que lhe são próprios. Questionar, a partir da história acadêmica, qualquer filme seriamente concebido, nos colocaria numa posição de intransigência frente à mudança. Dessa forma, um historiador *rankeano* deve ter considerado pouco sério o estudo efetuado por Marc Bloch sobre os campos franceses, ou o modelo analítico braudeliano sobre o Mediterrâneo. Aqui optamos pela segunda posição, já que assumimos que um filme realizado com fontes originais e com um método rigoroso pode ser um valioso mecanismo de interpretação e análise de fatos e processos históricos, como se pode perceber no filme *Treze dias que abalaram o mundo*.⁶

Falcão Negro em Perigo (Black Hawk Down) é um filme muito interessante pela surpreendente simplificação de um conjunto de problemas cuja complexidade mereceria um tratamento um pouco mais amplo e respeitoso, mas também porque se pretende tergiversar de forma grotesca sobre uma ação internacional dos Estados Unidos e das Nações Unidas, caracterizada pela soberba, o despreço pela diferença e a ignorância de elementos políticos e culturais mínimos do território onde estava. Porém, mais interessante ainda, porque colocada lado a lado com um documentário elaborado pelo *The History Channel*, a mentira transforma-se em operação prática de uma máquina cultural.⁷

As operações da Organização das Nações Unidas na Somália UNOSOM (I e II), chamadas em particular de *Recuperação da Esperança*, foram projetadas

⁶ *Thirteen Days* (2000), dirigido por Roger Donaldson, com roteiro de David Self (baseado no livro de Ernest R. May e Phillip D. Zelikow).

⁷ É um conceito esboçado superficialmente por Beatriz Sarlo e embora não tenha sido desenvolvido de maneira mais ampla pela autora, nos permite refletir como, a partir de uma linguagem particular, pode-se analisar a construção ideológica. A *máquina cultural* será aqui entendida a partir da lógica da teoria geral dos sistemas, quando elaborava processos sem começar a questionar aspectos internos (básicos) de seu funcionamento. A caixa preta de von Terzanlanffy seria aqui a referida máquina cultural, na qual, pela lado do *input* entrariam palavras, imagens, sons, música, e pelo lado do *output* um relato que reflete – supostamente – a História, seja de algum fato ocorrido realmente, seja no contexto de uma história imaginária. De alguma forma, poder trabalhar com o conceito de caixa preta possibilitaria interpretar um *código de realidade* entre a tela e o espectador, sem ter que precisar cada uma das instâncias que o compõem. A zona de fronteira que se apresenta ao se tentar analisar uma fusão a partir da implicação ideológico-discursiva pode confundir-se com aquela mirada artística que a entende como fato estético. Esse último ponto não será tratado aqui, já que corresponde a um outro campo, que é o dos estudos artístico-cinematográficos. Tampouco nos deteremos na perspectiva de Brent Toplin, que insiste naqueles aspectos do filme (roteirista, produtor, diretor, grandes estúdios cinematográficos) ainda que possam ser referidos elementos que o compõem. Dessa forma, o *código de realidade* permite transmitir uma idéia ao espectador, baseada em condicionantes prévios e comuns. Dessa forma, fica a mensagem, isto é, o que se manifesta ideologicamente por trás de um relato sem ser expresso.

com objetivos que, vistos desapaixonadamente, mostram uma surpreendente falta de uma análise séria da perspectiva a partir da qual as decisões foram tomadas, bem como das conseqüências que poderiam ser causadas por essas referidas ações. Em outras palavras, as Nações Unidas praticamente invadiram a Somália, buscando impor um conjunto de valores políticos, sociais e econômicos entendidos como lógicos, humanos e eticamente nobres. No entanto, ao não se examinar adequadamente a cultura que iam "apoiar", as operações terminaram resultando num processo de invasão e submissão político e cultural, com alguns bons resultados menores no que concerne à sobrevivência das crianças e sua alimentação, mas com um desastre humano com milhares de mortos, feridos e mutilados...

Em conseqüência, sem entrar nas condições materiais pelas quais Hollywood leva adiante suas práticas industriais e culturais, serão analisados aqui alguns pontos que, tanto no filme como no documentário, aparecem como indubitáveis, para questionar seu etnocentrismo e colocar em evidência como, a partir de uma postura supostamente ética, são impostas fórmulas e visões que não fazem mais do que construir uma perspectiva tendenciosa. Com ela, então, se ratifica a pesada missão do homem branco.

I

"Si imponemos la libertad a otro pueblo, lo estamos sometiendo, y si le imponemos la igualdad, lo estamos considerando inferior."

Tzvetan Todorov.
El nuevo desorden mundial

É um país que se localiza no continente africano, com uma superfície de 637.660 quilômetros quadrados, que tinha, em 2007, uma população de 8.445.000 habitantes, com uma densidade de cerca de 13 habitantes por quilômetro quadrado, e pouco mais de um terço deles estabelecidos em cidades. É um país extremamente pobre, com um PIB (também em 2007) de aproximadamente 5.000 milhões de dólares, o que dá uma renda per capita de aproximadamente 600 dólares por ano. Os principais produtos exportados são gado e produtos agrícolas básicos para os Emirados Árabes (50,60% do total), para o Iêmen (20,7%) e para a Índia (3,8%), que proporcionam cerca de 220 milhões de dólares por ano. As importações são quase três vezes as exportações, ascendendo a 665 milhões de dólares, e graças a isso, na atualidade, sua dívida externa alcança 2.750 milhões de dólares.

Essas condições fazem com que a pobreza seja generalizada, pelo que a expectativa de vida não supere 48 anos, com uma mortalidade infantil de 116,3 por cada 1.000 nascimentos. A metade dos homens adultos é analfabeta, e 75%

entre as mulheres, e obviamente o gasto mais importante é com armas.⁸

A Somália é hoje um país homogêneo do ponto de vista racial, religioso, lingüístico e cultural, ainda que a principal divisão social não seja encontrada em classes, mas em diferentes clãs, sendo os principais os Issaq, os Daarood, os Dir Hawiye. Os Issaq alcançam 25% do total da população, e se localizam geograficamente era conhecida como Somaliland (quer dizer, a zona norte do território).

O espaço hoje conhecido como Somália foi um território colonial até 1960, quando conseguiu a independência. Em 1887 os ingleses tomaram o controle do território que então passou a ser conhecido como Somália Britânica, administrado a partir de Aden. Em 1898 passou ao controle do *Foreign Office* e a partir de 1905 esteve sob o mandato do Ministério de Assuntos Coloniais. Por outro lado, deve-se destacar a presença italiana, já que desde finais do século XIX a Itália tinha estabelecido tratados com os sultões somalis, além de firmar acordos com a Grã Bretanha, Etiópia e Zanzibar, conseguindo consolidar um posição nas costas do Oceano Índico. Desde a Primeira guerra mundial a Itália amplia mais seus domínios, porque pode assentar-se em vastas zonas do interior. Depois de 1936 a Itália consegue unificar os territórios da Somália aos da Eritreia e Etiópia – após a sua guerra de conquista – consolidando uma forte colônia italiana na África Oriental. Com o início d Segunda Guerra Mundial a Itália invade a Somália britânica como parte de sua estratégia bélica, para ser expulsa pelas tropas inglesas depois de 1941.

Com o final da guerra, até 1949, a Organização das Nações Unidas colocou o território que hoje se conhece como Somália sob administração italiana, graças ao que o referido espaço passou a chamar-se, formalmente, a partir de 1º de abril de 1950, Somália; a ele se concederá formalmente a independência em 1º de julho de 1960. Nessa data foram unificadas a *Somaliland* britânica com o restante das terras que se consideravam parte do país, quando os ingleses concederam a 26 de junho do mesmo ano a independência para tal fim.

O primeiro presidente da Somália foi Aden Abdullah Osman Daar, que governou até 1967, quando foi vencido nas eleições pó seu antigo Primeiro Ministro, Abdi Rashid Ali Shemarke, um membo do clã Daarood do sul. Este último governou até 19969, quando9 foi assassinado por um soldado do sub-clã rival Majeerteen. O primeiro ministro do presidente assassinado, Mhamad Ibrahim Egal, pertencente ao clã Issaq do norte, tentou apoderar-se do controle do país, mas uma sucessão contínua de lutas parlamentares ao lado de constantes conflitos entre os ministros do governo impediram que a situação política se estabilizasse.

Nesse momento deu-se um golpe de estado encabeçado por Muhammad Siyad Barre, que presidia uma junta militar e pertencia ao clã Marrehan. A partir de 1970 foi iniciada uma série de reformas sociais, para depois se nacionalizar

⁸ Todos esses dados foram obtidos de <http://www.ikuska.com/Africa/Paises/Somalia.htm>; outros foram tirados de "El Estado del Mundo 2008", das Ediciones Akal.

a maior parte da infra-estrutura do país. Pode-se dizer que para o início remoto do conflito contribuíram as grandes secas de 1974 e 1975, já que levaram a fome a quase todo o país. Mas para ter uma visão integral dos problemas a longo prazo, não se deve descartar como elemento importante a guerra contra a Etiópia pelo território de Ogaden no ano de 1977. Essa região, correspondendo ao espaço geográfico etíope, era habitada por uma maioria somali, grupo que pretendia libertar-se da relação com aquele país para passar a fazer parte da Somália.

O exército etíope contava com o apoio logístico e tático de Cuba e da União Soviética, e por isso a guerra foi um enfrentamento desigual, saindo vencida a Somália, podendo a Etiópia retomar o controle total da região de Ogaden em princípios de 1978. Por sua vez, a fim de sustentar seu esforço bélico, o governo etíope prestou ajuda militar e logística a rebeldes contrários ao governo somali que operavam ao norte do país. Os enfrentamentos ocorridos em Ogaden forçaram uma onda de deslocamentos e de refugiados (que alguns estimam em dois milhões de pessoas), os quais foram buscar amparo na Somália até 1981. A paz foi firmada em 1988, mas o apoio das grandes potências (União Soviética e Estados Unidos) aos contendores aprofundou as tensões e, no caso da Somália, aprofundou a crise de um Estado cada vez mais fraco. Como indica Anna Bastida:

(...) o autoritarismo e a repressão aumentaram com o passar do tempo e se apoiaram nos enfrentamentos clânicos induzidos, uma vez mais, pelo próprio poder. Siyad Barre se apoiava cada vez mais em seu próprio clã. A única via aberta para a expressão do descontentamento era a formação de grupos armados, já que as possibilidades políticas estavam fechadas. Os grupos criados se fundamentavam na solidariedade tribal, que havia se fortalecido em meio a circunstâncias econômicas cada vez piores. Pelo mesmo motivo, também aumentavam seu prestígio as organizações assistenciais de base religiosa (islamitas). (BASTIDA, s/d)⁹

Paralelamente, nesse mesmo ano, o Movimento Nacional Somali (SNM), organização política criada a partir de 1981 por exilados do clã Isaaq em Londres, muito provavelmente com o intuito de debilitar ainda mais o poder de Barre, lança uma rebelião contra o governo. Os membros do clã Isaaq mostravam seu descontentamento e questionavam Barre por ter colocado nos postos-chaves do governo membros do clã do sul para governar os do norte. Conseqüentemente, tropas do clã do sul reprimiram com dureza a rebelião – as versões referem-se a matanças de civis, violações de mulheres e destruição de povoados como fórmula política recorrente.

A luta tornou-se particularmente dura porque o governo de Barre havia acumulado uma grande quantidade de armas, providas em primeiro lugar pelo

⁹ Deve-se destacar que o texto pode ser encontrado em *Observatorio Solidaridad* de la Universidad de Barcelona, sem data.

governo da União Soviética, e depois pelos dos Estados Unidos, Itália e Egito. Esse arsenal foi utilizado para reprimir a revolta, bombardeando-se massivamente o norte, em particular a cidade de Hargeisha. Os rebeldes se abasteciam do que podiam roubar do exército e do fornecimento que lhes dava a Etiópia. O SNM então fomentou uma política de alianças com grupos rebeldes do sul, o que permitiu que a guerra civil continuasse até 1991, quando se conseguem que Barre se exile. Essa guerra levou à morte 50.000 pessoas, principalmente do norte, enquanto que cerca de um milhão de pessoas se viram expulsas de suas casas e terra, dirigindo-se para a Etiópia e outras partes da Somália.

No entanto, com a saída de Barre do governo a paz não chegou, porque outra organização política – o Congresso da União Somali (USC) – apoiada pelo clã Hawiye, exigiu o posto de presidente para um de seus membros, ao que os outros clãs se opuseram. Como se pode concluir, a guerra civil se iniciou novamente, o que impediu a existência de um poder central na Somália até meados de 1991. Em maio desse ano o clã Isaaq do norte proclamou sua independência do restante da Somália, designando Ahmed Ali Gira como seu presidente. Cabe recordar que toda essa zona norte havia sido colônia britânica, de forma que a *Somaliland* conseguiu uma espécie de independência do restante do país, desenvolvendo assim uma forma própria de administração e governo que funcionou como um verdadeiro Estado. O sul, pelo contrário, submergiu num processo de guerra e anarquia que durou anos. A despeito de uma política humanitária ampla exibida pela antiga *Somaliland*, que chegou ao ponto de oferecer uma porção de seu território para a população do sul que havia apoiado Barre durante tanto tempo, o norte, ou pelo menos esse território que havia conseguido uma relativa estabilidade, isto é, a antiga *Somaliland*, nunca foi reconhecida como um país ou um Estado independente da Somália.

Não se nega a existência de fortes conflitos internos ao norte. Em 1992, os sub-clãs Habr Yunis (que apoiavam Ali Tour) e Harb Awal (que apoiavam Muhamed Ibrahim Egal), ambos numa dura concorrência para chegar à presidência, começaram a enfrentar-se violentamente em Buraq e Berbera. As tensões e lutas interclânicas são a base, então, da guerra civil que afligiu a Somália, e que a mantém, até os dias de hoje, sem possibilidade de unificação e estabilização. Em inícios da década de 1990 se desenvolvem as operações da Organização das Nações Unidas.

II

"Si el león tuviera conciencia", escribe Adorno en Dialéctica negativa, "su furia contra el antílope al que se quiere comer, sería ideología"

Terry Eagleton.
La ideología y sus vicisitudes en el marxismo occidental.

A operação de paz UNOSOM 2 "*Recuperação da Esperança*" (da qual se falará na seção seguinte) foi decidida como consequência da finalização da operação UNITAF (Força de Tarefas Unificadas). Esta última consistiu no envio de uma força militar, com representação norte americana predominante, a fim de estabelecer condições seguras para as operações de ajuda humanitária na Somália, em virtude da Resolução 794 (1992) do Conselho de Segurança. Logo após, efetuada a tarefa, foi enviada uma força multinacional, organizada e encabeçada pelos Estados Unidos da América, a qual "havia sido autorizada pelo Conselho de Segurança a empregar 'todos os meios necessários' com a finalidade de estabelecer um entorno seguro para as operações de socorro humanitário na Somália." (UNOSOM II, 1996)¹⁰ Essa operação consistiu no envio de contingentes de mais de 20 nações, com cerca de 37 mil soldados e oficiais especializados em logística.

Esse processo surge em consequência do que Javier Pérez de Cuéllar, Secretário Geral da ONU, chamou de "a pior crise humanitária do mundo". A Anistia Internacional sustentou em agosto de 1992 que

A guerra civil, a insegurança e a violência anárquica existente em grande parte do país se combinam com a seca e a fome que assolam o Chifre da África e ameaçam grande parte da população somali sobrevivente com novas perdas de vidas humanas. O colapso do Estado somali e de sua economia intensificou as dificuldades dos organismos internacionais de ajuda humanitária no momento de abordar essa grave crise humanitária. Somente interromper o problema da fome comprometeu o Comitê Internacional da Cruz Vermelha no maior programa operativo que está sendo levado a cabo na atualidade. (Actualización de una Tragedia, 1993)

Em consequência, por volta de dezembro de 1992, entraram em Mogadício as tropas da UNITAF sem grande oposição, ainda que logo após tivessem começado os incidentes com franco-atiradores e pequenos distúrbios. Com relação à "recuperação" de pequenas armas e o cessar fogo entre os diferentes grupos armados que se enfrentavam, o êxito foi menor, por mais que isso houvesse sido previamente acordado entre todos. Em particular com os grupos comandados pelo general Ali Madhi e o general Mohamed Farah Aidid. Em princípio, a partir

¹⁰ A operação UNOSOM II tinha a responsabilidade de supervisionar o cessar das hostilidades, impedir o reinício da violência, confiscar armas pequenas não autorizadas, manter a segurança nos portos, nos aeroportos e nas linhas de comunicação necessárias para o envio de assistência humanitária, continuar com a remoção de minas e ajudar na repatriação dos refugiados na Somália. Também foi atribuída à UNOSOM a tarefa de prestar assistência ao povo somali para reconstruir sua economia e sua vida social e política, restabelecer a estrutura institucional, obter uma reconciliação política nacional, recriar um Estado somali baseado num governo democrático e reabilitar a economia e a infraestrutura do país. Em fevereiro de 1994, depois de vários incidentes violentos e ataques aos soldados das Nações Unidas, o Conselho de Segurança revisou o Mandato da UNOSOM II para excluir o uso de medidas coercitivas. A UNOSOM retirou-se em princípios de 1995.

de uma perspectiva claramente ocidental, os resultados da missão UNITAF foram avaliados como positivos, já que – como se disse – se reduziram as mortes por fome e desnutrição, os alimentos puderam ser distribuídos sem que tivessem sido apropriados pelas milícias armadas dos diferentes grupos em disputa, ainda que “a segurança pessoal e as propriedades dos organismos de ajuda humanitária continuem ameaçadas” (UNOSOM II, 1996). Sem se questionar a perspectiva liberal, ocidental e cristã, pode-se dizer que a força exibida pelas tropas dos Estados Unidos da América rendeu os frutos esperados.

Em março de 1993 o Conselho de Segurança das Nações Unidas, mediante a resolução 814 e seguindo as recomendações do Secretário Geral da Organização, decidiu o desdobramento da missão UNOSOM II, já que continuavam no país as “condições críticas de fome generalizada, lutas entre clãs, ausência de uma autoridade estatal e desordem geral” (UNOSOM, 1996). Em suma, a missão se estendeu depois que a UNITAF colocou sob seu comando aproximadamente 40% do território compreendido como a Somália. Mas, como assume o informe da ONU, “entretanto não se havia estabelecido um entorno seguro, e continuaram os atos de violência” (UNOSOM II, 1996). Desta forma não se havia conseguido o estabelecimento de num governo operativo no país, nem uma política civil e muito menos um exército nacional. Comenta o autor que

(...) a segurança das pessoas das Nações Unidas e seus organismos, da UNITAF, da CICV (Comitê Internacional da Cruz Vermelha), assim como das ONGs., ainda estava muito ameaçada em algumas zonas de Mogadíscio e em outros lugares da Somália. (UNOSOM II, 1996)

Por exemplo, e cronologicamente antes dos incidentes que deram lugar ao filme, pode-se fazer menção aos fortes enfrentamentos que tiveram lugar até fins de 1992 e início de 1993, quando a cidade de Chisimayu se encontrava controlada por dois grandes grupos enfrentando-se: um deles era o do general Mohamed Said Hersi “Morgan”, que era dirigente da Frente Nacional Somali e, também, genro do derrotado Siyad Barre; o outro, o do coronel Ahmed Omar Jess, que era o chefe na zona do Movimento Patriótico Somali, organização que fazia parte da aliança que dava sustentação ao general Aidid. Em fins de dezembro de 1992, no porto de Chisimayu, produziu-se

(...) uma matança a sangue frio de centenas de civis pertencentes aos clãs Majrteen, Warsangelie Dulbahante, perpetrada pelo Movimento Patriótico Somali, integrado por membros do clã Ogaden (ainda que esses quatro clãs pertencessem ao clã Darod, mais extenso), pouco tempo depois que as forças da UNITAF chegaram à localidade (Actualización de una Tragedia, 1993).

Conclui a seção do informe da Anistia Internacional que as forças armadas internacionais não puderam, com sua presença e ação, finalizar os combates esporádicos entre os diferentes grupos políticos que, como se pode inferir, tinham mais de enfrentamentos clânicos que políticos.

A operação UNOSOM I, do início de 1992, limitou-se à manutenção e consecução da paz. As ações políticas da Organização das Nações Unidas para chegar a um acordo entre os diferentes grupos contendores a fim de estabelecer a paz forma produzidas tanto antes como depois das operações militares. Com esse objetivo a ONU convocou oportunamente representantes de grupos armados somalis, organizações de mulheres, anciãos, representantes de diferentes clãs, intelectuais exilados e até organizações não-governamentais. No entanto, e apesar de um acordo muito preciso de cessar fogo firmado em janeiro de 1993, os combates não deixaram de suceder-se.

Em março de 1993 foi levada a cabo em Adis Abeba uma Conferência de Reconciliação Nacional, sob os auspícios e apoio da ONU. Nela, uns 15 grupos políticos de diferentes finidades e origens se reuniram e firmaram, a 27 de março, o que se chamou um *Acordo do primeiro período de sessões da Conferência sobre a Reconciliação Nacional na Somália*, e como consequência, foi estabelecido um Conselho Nacional de Transição que iria reger os destinos dos somalis por dois anos, tanto como autoridade político como legislativa. O Conselho Nacional de Transição (TNC) estabeleceria departamentos administrativos para assuntos civis, sociais, econômicos e humanitários e novos conselhos nas dezoto regiões previamente designadas. Os problemas começaram imediatamente e, como era de se esperar, o Movimento Nacional Somali, que encabeçava o governo provisório ali estabelecido, boicotou a reunião e o posterior acordo. Outros temores sobre o TNC possivelmente dominado pela aliança da SNA com o general Aidid, foram expressos imediatamente por grupos de intelectuais somalis excluídos do TNC, que afirmaram: "De maneira nenhuma deve o destino dos somalis continuar em mãos de chefes políticos impiedosos cuja função tem sido qualquer coisa, menos construtiva".

III

"¿Quién es este dios implacable que decide que el cambio de régimen justifica el sacrificio de mil, diez mil o cien mil vidas y el sufrimiento permanente de las personas que les querían y que suman diez veces más?"

Tzvetan Todorov.
El nuevo desorden mundial.

Tal como sustenta o informe da Anistia, o novo Secretário Geral da ONU, o doutor Boutros Gali, propôs um programa da ONU pra a Somália sem precedentes, que foi aprovado pela resolução 814 do Conselho de Segurança, a 26 de março de 1993. Acordou-se a data de 1º de maio de 1993 para transferir as ações da UNITAF novamente para a ONU, para o estabelecimento de uma operação única de consecução da paz, que se chamaria UNOSOM II. Decidiu-se que seria para um período inicial de seis meses, e somente os primeiros meses custaram 300 milhões de dólares americanos. Tinha-se a intenção de que fosse

uma operação militar dirigida pela ONU com 20.000 soldados e 8.000 funcionários de apoio de 30 países (muitos dos contingentes da UNITAF, reforçados pela força de resposta rápida dos Estados Unidos), com o objetivo de por fim a todos os combates no país.

A UNOSOM II recebeu autorização, em virtude da resolução 814, de utilizar a força para alcançar o objetivo proposto no mandado, e para desarmar e desmobilizar todos os grupos armados. Também de instaurar uma força de paz somali e auxiliar no estabelecimento de uma Constituição e de instituições governamentais, legislativas e judiciais. Em março de 1993, a Conferência da ONU para a Ajuda Humanitária à Somália garantiu donativos de 130 milhões de dólares americanos para um programa estruturado pelo Departamento de Assuntos Humanitários da ONU. O mandato da UNOSOM II, de acordo com o Capítulo VII da Carta, abarcou todo o território da Somália e incluiu o seguinte:

- supervisionar para que todas as facções continuassem respeitando o cessar das hostilidades e de outros acordos aceitos;
- impedir qualquer recomeço da violência, se necessário tomando tomar medidas prévias;
- manter o controle sobre o armamento pesado das facções organizadas postas sob o controle internacional;
- confiscar as armas pequenas de todos os elementos armados não autorizados;
- proteger todos os portos, aeroportos e linhas de comunicação necessárias para o fornecimento de assistência humanitária;
- proteger o pessoal, as instalações e a equipe das Nações Unidas e seus organismos, da CICV (Cruz Vermelha) assim como das ONGs;
- continuar a remoção de minas, e
- repatriar todos os refugiados e deslocados dentro da Somália.

Para levar adiante esses pontos, o Secretário Geral recomendou que as operações militares da UNOSOM II fossem levadas a cabo em quatro fases:

- 1) transferência do controle operacional da UNITAF;
- 2) estabelecimento e consolidação eficazes do controle operacional das Nações Unidas na Somália e nas regiões fronteiriças;
- 3) redução da atividade militar da UNOSOM II e a assistência às autoridades civil para que procedessem com maior responsabilidade;
- 4) deslocamento ou redução das forças da UNOSOM II.

A partir de quatro de maio de 1992, o controle orçamentário, administrativo e militar da operação foi transferido da UNITAFF para a UNOSOM II. O Secretário Geral nomeou o Almirante Jonathan Howe, um alto oficial aposentado da Força Naval dos Estados Unidos, seu novo Representante Especial para a Somália a nove de março de 1993. Também designou o general Çevic Bir, da Turquia, como comandante da Força da UNOSOM.

O informe da ONU indica que depois da transição da UNITAFF para a UNOSOM II, ficou claro que, apesar de haver firmado o Acordo de março, o grupo comandado pelo general Aidid não cooperaria no sentido da sua aplicação. As intenções da UNOSOM II, de cumprir o mandado do Conselho de Segurança e avançar no desarmamento encomendado provocaram um aumento das tensões, e os combates novamente se iniciaram a princípios de junho de 1993, ainda que no informe fossem omitidos os elementos que provocaram em princípio os ataques. Concentraram-se em ataques armados contra as tropas da UNOSOM II ao sul de Mogadiscio, e foram efetuados pela milícia somali que respondia ao general Aidid. Neles morreram 25 soldados paquistaneses, 10 desapareceram e 54 foram feridos. O Conselho de Segurança das Nações Unidas então aprovou a resolução 837 de 6 de junho de 1993, condenando energicamente os ataques armados contra a UNOSOM II. Com o objetivo de conseguir a operatividade da Resolução 837, a UNOSOM II iniciou uma ação militar a 12 de junho de 1993. Para isso produziram-se uma série de operações aéreas e terrestres ao sul de Mogadiscio. A UNOSOM II tomou a Rádio Mogadiscio, separando-a do controle do Congresso da Unidade Somali / Aliança Nacional Somali (USC/SNA), a facção do general Aidid, bem como inutilizando ou destruindo as armas e equipamentos da milícia encontrados em uma série de lugares usados para armazenamento e como instalações militares clandestinas.

Paralelamente às operações de desarmamento, sustenta o informe oficial, a UNOSOM II iniciou uma investigação sobre o incidente de 5 de junho. Em 17 de junho, argumentando que tinham provas evidentes que implicava a milícia da SNA no ataque, o Representante Especial fez um chamamento ao general Aidid para que se entregasse, e sugerindo aos seus seguidores que depusessem suas armas. O almirante Howe instruiu o Comandante da Força da UNOSOM para que detivesse o general Aidid e o investigasse em relação ao ataque de 5 de junho, e à instigação pública dos referidos ataques.

O informe da ONU afirma que, em apoio ao mandado da UNOSOM II, se deslocaram para Mogadiscio forças dos Estados Unidos: os *Rangers* americanos e a Força de Reação rápida. Essas forças *não estavam sob o comando e controle das Nações Unidas*. Esse ponto é central para entender a perspectiva do filme que aqui será discutido, como também a sutil tergiversação que faz o documentário do *The History Channel*.

Então, como parte do programa, e em apoio ao mandato do Conselho de Segurança, os *Rangers* iniciaram uma operação no sul de Mogadiscio a três de outubro de 1993, que tinha por objetivo capturar alguns dos principais ajudantes do general Aidid, os quais se supunha que haviam tido participação no ataque de cinco de junho e nos enfrentamentos posteriores contra o pessoal e as instalações das Nações Unidas.

A ação conseguiu deter 24 suspeitos, incluídos dois dos principais ajudantes do general Aidid. Durante a operação, dois helicópteros americanos foram derrubados por integrantes da milícia somali, 18 soldados americanos perderam

a vida e 75 ficaram feridos. Um piloto da mesma nacionalidade (M. Durant) foi capturado e posteriormente, a 14 de outubro desse ano, liberado. Os corpos sem vida dos soldados americanos estiveram sujeitos a atos de escárnio públicos, e as cenas foram transmitidas por canais de televisão de todo o mundo. Isso provocou forte comoção nos Estados Unidos, quando as imagens foram transmitidas para milhões de espectadores.

Depois desses acontecimentos, a com a finalidade de dar um golpe de efeito, os Estados Unidos reforçaram sua Força de Reação Rápida com uma força de trabalho conjunta, aérea, naval e terrestre, equipadas com tanques M1A1 e veículos de combate Bradley. Al mesmo tempo, o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, anunciou a intenção de retirar suas forças da Somália a 31 de março de 1994. Em poucas palavras, eles se retirariam, mas previamente dariam uma surra naqueles que expuseram à vergonha o melhor exército do mundo.

IV

Aqui é onde se percebe claramente o papel que o governo dos Estados Unidos buscou jogar, como os *sheriffs* mundiais encarregados de colocar ordem num novo oeste.¹¹

O ponto a ser destacado não é, por certo, o que fizeram depois de 3 de outubro de 1993, já que, se isso pertence à História, não faz parte do documentário e do filme que aqui queremos comentar. Também não vamos desenvolver uma análise teórica do documentário, já que isso não faz parte da formulação analítica com que trabalhamos; somente abordaremos aspectos e visões mostradas por ele, a fim de destacar como, a partir desse tipo de suporte/representação, pode-se construir uma perspectiva favorável a um posicionamento, sem mentir descaradamente.

Em primeiro lugar deve-se mencionar como se apresenta o documentário do *The History Channel: A verdadeira história do Black Hawk Down (The True Story of the Black Hawk Down)*. Esclarece-se que se verão filmagens de combates reais, ou, pelo menos, recriações com grande rigor histórico. Em apoio a estas assertivas, que se ouviriam, ao largo do documentário, gravações reais das operações levadas a cabo (cabe esclarecer que as referidas gravações também serão utilizadas como fontes no filme). A construção do documentário não poupa gestos dramáticos. Começa com o discurso do presidente Bill Clinton falando sobre a Somália, informando ao povo norte-americano que os Estados Unidos se retirariam do país africano. Depois, um primeiro plano de Mark Bowden,

¹¹ O conceito de fronteira como avanço até a democracia e a civilização, originalmente elaborado por Frederick J. Turner, é um princípio substancial no pensamento político norte-americano. Pode-se consultar, para melhor desenvolvimento, NIGRA, 2007. Também é importante a análise de Engelhardt sobre o "relato bélico americano" (ENGELHARDT, 1995).

autor do texto, que vai se converter em algo como a história oficial do fato. Ele começa a conta a sua versão do que sucedeu, e logo depois são mostradas imagens dos soldados mortos, semi-desnudos, e arrastados, com os pés atados a caminhonetas.

O documentário lança a pergunta: por que os somalis odiavam com tanto fervor os soldados norte-americanos, que tinham ido ali para ajudá-los? Não se deixam dúvidas sobre o que se entende como correto, isto é, que quem ia ajudar era o Exército dos Estados Unidos, não os *capacetes azuis*. Não que fosse dito com essas palavras, mas se deixava claro que a paz havia chegado com as tropas americanas, e não com o desembarque das forças de paz da ONU. A tomada de posição surge claramente quando as imagens e as palavras conduzem à construção do novo inimigo, que nesse caso seria a irracionalidade islâmica.

Os saltos conceituais se sucedem sem solução de continuidade com aquilo que se faz às vezes de introdução. Sustenta a voz em *off* que a missão UNITAF (apresentada como um desembarque de milhares de *marines* norte-americanos) faz com que Mogadiscio “cumpra seu maior anseio em 1992”, porque chega a comida enviada pelas Nações Unidas. Em linha direta com o filme, quando chegam os *marines* chega a ordem, chega a comida, chega a paz. Posteriormente, toma o comando uma força dos *capacetes azuis*.

Note-se que a paz é trazida pelos *marines* (algo como a chegada da cavalaria dos *westerns*, com o que temos novamente o conceito de Fronteira), para em seguida deixar as coisas já colocadas em ordem nas mãos dos menos eficientes paquistaneses, ou hindus, ou exércitos terceiro-mundistas. Estes últimos deveriam ser os que garantiriam o Governo de Coalizão (o Conselho Nacional de Transição, como se disse já antes), mas, evidentemente, nada podem fazer quando as tropas de Aidid lançam uma ofensiva generalizada contra os opositores políticos e as tropas da ONU. Aqui, também, mostra-se a perspectiva teórica particular de quem elaborou o documentário – já que apresenta uma perspectiva simplificada do inimigo, que é, logicamente, o general Aidid. É a representação do mal (NIGRA, 2007), independentemente do que tenham feito seus subordinados ou aliados. Também fica claro que os erros normalmente são produtos das forças da ONU, enquanto os acertos originam-se dos *marines* norte-americanos.

Com a intenção de aparentar objetividade, mostram-se breves comentários de milicianos e ex-funcionários do grupo de Aidid. O ministro da Defesa de Aidid, Abdi Queybdid, sustenta frente à câmera que, embora a operação aparentasse ser das Nações Unidas, na verdade encontrava-se em mãos dos norte-americanos, e por isso, diz o documentário, os milicianos de Aidid começaram a tratar os norte-americanos como o que eles realmente eram, ou seja, uma força invasora.

O deslocamento de efetivos nunca é gratuito, e para que os Estados Unidos tivessem lançado uma mobilização com tais características devia haver um conjunto de causas que não podiam se descartar, quem sabe causas geográficas (basta olhar o lugar da Somália num mapa para entender a lógica de seu

posicionamento) (NIGRA y POZZI, 2009: Cap. 8, El imperialismo de los Derechos Humanos). Então, de forma nada inocente, e amparando-se no fato de que os milicianos somalis tinham atacado as tropas da ONU, os norte-americanos começaram, por sua conta, o que se chamou a missão da "Serpente Gótica": a preparação no Forte Bragg de uma força especial, com a finalidade de atuar na Somália, - um grupo especialmente seletivo de *Rangers*, *Navy Seals* e um grupo tão secreto que mesmo o comando de cada uma das Forças Armadas desconhecia sua existência, a Força Delta. O tom de voz do narrador em *off*, a forma de explicar essas idéias, as imagens de soldados treinando em condições duríssimas, são em si mesmas contundentes... mas uma legenda pequena indica que é uma recriação. Para reforçar a dramaticidade, o narrador não se esquece de repetir que os selecionados eram o melhor do melhor das tropas de *élite* dos Estados Unidos.

A justificativa para a criação deste grupo de forças conjuntas era a hipótese que tinham do conflito em um futuro não muito distante: enfrentar as tropas de Aidid. Isto é assim porque se constrói um antagonismo simples, em que os bons dos Estados Unidos deveriam enfrentar os maus de sempre, encarnados nas milícias de Aidid.

O autor do livro já mencionado, Mark Bowden, mostra claramente sua postura logo depois, quando diz que os somalis "não lêem o *New York Times* nem vêem a CNN, mas acreditam no que lhes dizem", e Aidid - causalmente - é um mestre da propaganda. Então, conta a voz em *off*, pelo rádio se dizia que os *marines* iam obrigar os somalis a converter-se ao cristianismo, ou que iriam tomar seus recém-nascidos, isto é, coisas horríveis nas quais facilmente eles acreditavam. O argumento, como se pode observar, é, quanto muito, tosco. Lembra as práticas mais simples da contra-inteligência que expressam que o inimigo faz coisas abomináveis (como aquilo que os nazistas diziam ao seu próprio povo sobre os russos, a fim de redobrar a resistência ao seu avanço), mas que, a partir de uma perspectiva crítica, não resistem à menor análise. No caso, poderíamos comparar essa mensagem com a das armas de destruição massiva que o Iraque teria, antes da invasão norte-americana.

Segundo o documentário, um antecedente imediato dos acontecimentos foi produzido em 5 de junho de 1993, quando tropas da ONU (da ONU ou norte-americanas? Nunca se esclarece isso, a busca da confusão é deliberada antes os atos que podem resultar problemáticos ou questionáveis)¹², realizavam uma "inspeção" de surpresa na emissora de rádio de Aidid, o que provoca um levantamento "espontâneo da população. Quem conhece a forma de agir das tropas em um local de ocupação, e quem compreende um pouco sobre a ação política de qualquer grupo, sabe que o referido anteriormente é falso. Em primeiro lugar,

¹² Os dados levantados até o momento indicam que os que tomaram a emissora de rádio e provocaram os enfrentamentos com as milícias de Aidid foram os soldados paquistaneses, sob o comando do Almirante Howe, que, casualmente, era um ex-*marine* norte-americano.

a inspeção, em termos políticos, é uma pressão armada, um condicionante para a ação, uma provocação por parte dos norte-americanos que comandavam as operações. A resposta é uma “resposta de manual”, isto é, um levantamento que não tem nada de espontâneo, mas que foi comandado pela estrutura política de Aidid condicionado pela ação dos norte-americanos. Em suma, ação e reação, física política pura. Conclusão: vinte e quatro paquistaneses mortos e muitos feridos, corpos arrastados pelas ruas de Mogadiscio, humilhação dos cadáveres.

O Conselho de Segurança da ONU, diz o documentário, ordena ao Almirante Howe que capture Aidid. A resposta do comando militar veio, como era de se esperar, do distante oeste (e de novo o mundo como A Fronteira): cartazes com a foto de Aidid *procurado vivo ou morto*, com oferecimento de recompensa. A desconsideração pela gente local era tal que a soma parece uma zombaria, já que se ofereciam 25 mil dólares pela captura. Os somalis – em particular o pessoal de Aidid – tomou isso como um insulto, e em resposta pregou cartazes de igual teor, oferecendo 250 mil dólares pela captura do Almirante “*Animal*” Howe (como era chamado pelos somalis). Este último, por sua vez, solicitou ao presidente Clinton o envio da Força Delta (não era desconhecida?), mas isso não lhe foi concedido.

Logo depois aparece um homem, apresentado como um ex-Delta que combateu em Mogadiscio: Lee von Arsdale, que conta que nessa cidade se havia encontrado o maior mercado negro de armas da África do leste (ratificando o nível de descontrole no mercado de Mogadiscio, Bowden sustenta que há uma frase comum na África que diz que “tudo o que se pode fazer com uma arma, em Mogadiscio já foi feito”), e que esse nível de violência era possível também pelo consumo de drogas pelos que iriam ser milicianos.

Aqui começa uma simplória descrição sociológica de mesa de bar. A maioria dos milicianos de Aidid, conhecidos como os *muriant*, diz o narrador em *off*, são jovens marginais recrutados nos campos de refugiados ou diretamente das zonas rurais, *lumpens* sem futuro, induzidos a participar das milícias graças a uma constante provisão de uma droga chamada *Khat*. Essa droga é algo como pequenos arbustos que os jovens mastigam, cujo efeito máximo é alcançado algumas poucas horas depois de ingerida, como a folha da coca, e que produz um elevado nível de excitação. Segundo o que sustenta o documentário, essa droga produz em quem a consome um absoluto desprezo pela própria segurança e níveis elevados de agressividade. Essa droga, dizem, era distribuída depois do meio-dia pelos chefes aos milicianos, particularmente aos que empunhavam armas.

Em fins do verão boreal de 1993, os *muriant* começaram a atacar e matar os soldados norte-americanos, como se diz, “dois aqui, dois ali”. Esses ataques chegaram ao ponto de culminar num outro ocorrido a 8 de agosto de 1993 com a utilização de uma mina que detonou por controle remoto, fazendo voar um veículo de transporte militar e produzindo quatro mortos. Não se explica o porquê desse voltar-se contra os norte-americanos, não se explica que diferença

havia entre as suas tropas e as tropas da ONU, não se explica porque não se voltava contra os paquistaneses ou aos hindús. Fica claro que o que se busca é confundir, mostrando que o agir de uns é indistinto com relação ao agir dos outros. A resposta do presidente Clinton foi a de desembarcar 400 *Rangers* (comandos) e a Força Delta na zona de guerra, sob o comando do general William Garrison. Ocupa-se o aeroporto de Mogadiscio em finais de 1993, com um objetivo preciso, que era de prender o general Aidid, diferentemente das tradicionais missões “humanitárias” dos *marines*.

A situação em Mogadiscio era muito pior do imaginavam. Até os mais veteranos se surpreenderam com o fato de que na cidade todos portavam armas, todos tinham lança-granadas; os norte-americanos rapidamente perceberam que os somalis tinham, por gerações, experiências de luta armada, que eram muito bons no combate, que saíam à rua lutando, e isso era – e de novo vemos a utilização de conceitos desqualificadores – “um passatempo nacional”, como disse von Arsdale.

Em setembro de 1993, começou o desembarque norte-americano para o cumprimento da missão encomendada. Deve-se recordar que isso foi consequência dos assassinatos perpetrados pelos somalis, e levado a cabo *fora do mandato da ONU*. No desenvolvimento dessas missões, capturaram aquele que funcionava como ministro das finanças de Aidid e seu provedor de armas, Osmond Otto. Essa prisão confirma, na visão do documentário, que a tarefa da inteligência desembarcada havia cumprido seu objetivo. Além de comprovar, diz o documentário, que quando conseguissem matar Aidid, para os habitantes de Mogadiscio os norte-americanos iriam em direção do restante dos próprios somalis.

Como que minimizando a importância do sucesso, narram que alguns meses antes da chegada dos Delta (parece tão pouco importante que não se precisa a data), haviam realizado um ataque com helicópteros *Cobra* contra uma reunião convocada por Aidid no interior do seu clã. Esse conclave reunia seus principais ministros e intelectuais, com o objetivo de analisar politicamente as decisões de Aidid. O ataque matou um número de vai de 50 a 70 dos membros. É de surpreender o fato de que a maioria dos seus assessores e intelectuais quisesse que Aidid desistisse de sua atitude hegemônica e cumprisse os acordos firmados em Adis Abeba? A quem o ataque favoreceu? Em uma leitura honesta, qual seria a perspectiva historiográfica do *The History Channel*, ou do documentarista, na medida em que a análise histórica se resume em saber se há maus e bons, e em particular, se um somente é o mau, enquanto seus assessores e ministros ou o seu clã não o são?

Por outro lado, o fato é descrito de tal forma que fica colocado como algo marginal. Dessa forma, isso permite sustentar que não se oculta a verdade e que se contou tudo. O ponto é que contar tudo não implica em demonstrar nem explicar nada, porque fazê-lo da forma descrita anteriormente, implica em embaçar o que, na realidade, foi uma provocação política fundamental, de tal

forma que quem assiste ao documentário sem ter uma formação histórica ou política particular, terá dificuldades para vincular as atitudes do grupo de Aidid com esse ato. Esse grupo, obviamente, iniciou uma guerra particular contra os norte-americanos (e com as forças da UNOSOM), ainda que, pelas particularidades do discurso narrativo, essa ação aparece como injustificada.

Como consequência, também, o general Aidid desapareceu dos locais onde poderia ser encontrado, e por isso a missão norte-americana começou a buscar seus assessores e ministros, até chegar ao 3 de outubro, a data que dará origem à história aqui tratada. Pelos trabalhos da "inteligência" (ou seja, subornos a um delator), sabe-se de uma reunião que se realizaria na zona do mercado central de Mogadiscio (controlada por Aidid), na tarde de 3 de outubro, da qual participariam vários ministros e conselheiros do general rebelde. Rapidamente se decide lançar uma operação para capturá-los. Um soldado norte-americano (ou um ator, a essa altura não se pode garantir nada com precisão) diz no documentário: "sabíamos que íamos a um território índio" (KAPLAN, 2007: 18-20).¹³

O documentário intenta mostrar, ao menos parcialmente, a perspectiva dos milicianos somalis, ainda que se possa pensar que, mais do que dar a palavra ao outro, o objetivo é o de tomar e mostrar a palavra do bárbaro, para estabelecer a diferença assimétrica. O ministro da defesa de Aidid disse que a missão de seqüestro dos assessores e conselheiros foi, no mínimo, uma provocação. O objetivo era gerar as condições para o enfrentamento em termos militares, isto é, para que os somalis saíssem a combater. Estes tinham claro, depois de seis operações anteriores, que os helicópteros davam cobertura aérea a todas as operações militares. Da mesma maneira, que os norte-americanos não deixariam nem mortos nem feridos sobre o terreno. Desta forma, como sua resposta tática, decidiram instruir aos milicianos para que atirassem com as AK47 e os RPG 7 nos helicópteros, especialmente nos motores da cauda.

Quando essa hipótese se confirmou, o general Garrison disse claramente – ficou gravado nos registros – que os norte-americanos tinham "perdido a iniciativa". O piloto de um helicóptero Super 61 (um *Black Hawk*), Michel Durant, disse no documentário que, da posição de atacar, os soldados precisaram passar à de resgatar.

¹³"Se bem que ao americano médio a alvorada do novo milênio encontrava inspiração patriótica nos legados da guerra civil e da Segunda Guerra Mundial, quando se enfrentou e se derrotou os males da escravidão e do fascismo, para muitos oficiais e suboficiais o momento definidor das Forças Armadas dos Estados Unidos foi o combate contra os índios (...) Mais além dos rios Mississipi e Missouri, o Exército americano encontrou um mundo hobbesiano no qual a guerra étnica intestina, fruto da competição por territórios e recursos, era o fato primário da vida." Em uma nota o autor conta que "é um fato anedótico mas interessante que os membros da 101 Divisão Aerotransportada, ao se preparar para seu lançamento de para-quedas no dia D, raspavam os cabelos ao estilo dos mohawks e se autoaplicaram pinturas de guerra no rosto (Museo de Operaciones Especiales Aerotransportadas, Fayetteville, Carolina del Norte)." (KAPLAN, 2007:20)

Mas, considerando a utilização das gravações da operação real sobre o terreno, com um uso tão tenso da perspectiva, não se poderia supor que tudo eram imagens editadas, favoráveis à postura dos norte-americanos? Se isso não pode ser confirmado, tampouco pode ser descartado totalmente, já que até esse momento a construção discursiva evidenciou uma formulação quanto muito, tendenciosa. Como a partir daqui os registros fílmicos e de áudio restringem as margens a partir das quais se podem interpretar os fatos, a perspectiva deve ser construída a partir da apresentação do *outro*. O documentário – o filme também o fará em casos similares – começará a mostrar os somalis como hordas bárbaras que atacam indiscriminadamente, de forma selvagem, sem critério, sem tática. Como nos filmes da década de 1960 sobre os Mau Mau, o que está à frente é o negro selvagem, o bárbaro. Isso faz com que os norte-americanos se coloquem no lugar do bem, e mais ainda, em situação de superioridade.

Essa formulação foi ilustrada por um soldado participante das operações, Jeff Strueker, que conta que quando foram em busca dos que se achavam isolados, interpôs-se a eles uma barricada de pessoas. Quando dispararam “sobre suas cabeças”, o fizeram com o objetivo de abrir um caminho “como no Mar Vermelho”. Isso mostraria que, na sua perspectiva, eles são o povo eleito de Deus para impor a ordem, o que implica numa maneira de conceber o mundo e de perceber o outro.

O documentário segue com colocações similares. O relato que faz da captura do piloto Michael Durant reforça a formulação descrita sobre as hordas bárbaras contra os solitários expoentes do Civilizado Ocidente, que somente queriam colocar as coisas no seu devido lugar. A permanente comparação entre as baixas norte-americanas e as somalis, onde os primeiros morrem ou são feridos de forma personalizada (com nome e sobrenome), e os segundos morrem como moscas, como animais, sem nome nem sobrenome, ou seja, sem identidade, tornam-se uma constante nos cenários dos combates.

Nessa dimensão, então, o produtor, escritor e diretor do documentário, David Keane, situa princípios moralizantes de um Delta, da mesma forma que Lee von Arsdale, já havia comentado antes. Diz ele que, quando se está em combate, “não se pode julgar a moralidade dos teus atos, se mataste mulheres ou crianças não se pode por isso dizer que és uma pessoa má”. Não estar de acordo com posição de tal soldado é quase obrigatório. O problema não é o soldado, mas o diretor do filme, porque ao colocar as coisas nesses termos este reforça os mecanismos de justificação de atos que, para qualquer ser humano, resultam ser repudiáveis.

Além disso, tal como no filme, também no documentário se apresenta o apoio tardio que chegará da parte dos *capacetes azuis*, já que os blindados paquistaneses só conseguem alcançar a zona de combate à uma hora da madrugada de 4 de outubro; e isso porque se esqueceram de lembrar que não tinham avisado as tropas da ONU de que iriam realizar essa missão. E mais, o documentário, sem nem ao menos se preocupar em explicar como os blindados

chegam à zona onde os soldados estavam cercados, conta que esses tanques carregam os feridos e saem em disparada, deixando sem proteção os 99 soldados norte-americanos, os quais tiveram que sair da zona quente (literalmente) correndo. Ou seja, em poucas palavras: os terceiro-mundistas incompetentes, lentos e covardes, deixam abandonados à sua própria sorte os excelentes *rangers*, deltas e *navy seals*, enquanto choviam as balas de outros terceiro-mundistas, igualmente incompetentes, covardes e selvagens.

Aqui não interessa, pois, a materialidade real dos fatos, uma vez que o documentário se apóia em filmagens e áudios reais; o que interessa é que, por trás dos suportes modernos de informação se encontra uma construção discursiva que condiciona a percepção e a interpretação do espectador. Em poucas palavras, essa fórmula é uma construção ideológica com o objetivo de doutrinar o próprio povo.

A resposta americana diante da captura do piloto é a de enviar milhares de soldados à zona do conflito, uma mensagem clara no sentido de advertir Aidid que, se não o libertasse, a guerra seria séria e iria a fundo. Nem no filme nem no documentário se informa em que se baseou a troca e/ou a entrega de Durant, ainda que seja óbvio que o intercâmbio deve ter tido conteúdo político. O mais interessante do caso é que a postura de todos os soldados envolvidos nos combates era a de que “não deixavam de fazer o que tinham que fazer”. O exército dos Estados Unidos, cada vez que é derrotado, diz isso mesmo, como, por exemplo, no Vietnã (revitalizando *ad nauseam* a teoria da facada pelas costas elaborada pelo Exército Alemão depois da Primeira Guerra Mundial).

O documentário termina com um conjunto de lugares comuns, coroado por frases do autor do livro, tais como: que não se devem esquecer as façanhas dos soldados que representavam o povo dos Estados Unidos, os quais cumpriram com suas obrigações de soldados americanos, razão pela qual se devem recordar os fatos a fim de honrar os que usam o uniforme norte-americano, etc. Em poucas palavras, valorizar o esforço do homem branco para lembrar a importância da sua missão.

V

“...el corazón de las tinieblas vencedoras. Fue un momento de triunfo para la selva, una irrupción invasora y vengativa, que me pareció que debía guardarse sólo para la salvación de otra alma.”

Joseph Conrad.
El corazón de las tinieblas.

Black Hawk Down foi um filme dirigido por Ridley Scott, o qual, na verdade, não se deu ao trabalho de aprofundar a história que iria contar. A trama do filme pode ser resumida em poucas palavras, tendo em vista o que já se disse até aqui. Sem realizar um grande esforço argumentativo, ela se inicia com uma

música de características melancólicas, tristes, com uma frase atribuída a Platão, que diz “somente os mortos viram o final da guerra”, enquanto se mostra um cenário de desolação, morte e fome em branco, preto e matizes de cinza. O texto diz:

Somália – África Oriental – 1992

Anos de guerra entre clãs rivais causa uma fome de proporções épicas.

300.000 civis morrem de fome.

Mohamedi Farrah Aidid, o mais poderoso dos Senhores da Guerra, governa a capital, Mogadiscio.

Ele se apodera das remessas internacionais de comida nos portos. A fome é sua arma.

O mundo responde. Com uma ajuda de 20.000 fuzileiros dos Estados Unidos, a comida é entregue e a ordem é restaurada.

Aidid espera a retirada dos fuzileiros e então declara guerra às “forças de paz” (capacetes azuis) da ONU que permaneciam.

Em junho, a milícia de Aidid embosca e mata brutalmente 24 soldados paquistaneses, e começa a ter como objetivo atacar o pessoal norte-americano.

Em fins de agosto, a Delta Force, soldados de elite dos Estados Unidos da América, os Rangers do Exército e o 160º SOAR foram enviados a Mogadiscio para derrubar Aidid e restaurar a ordem.

A missão deveria durar três semanas, mas seis semanas mais tarde, em Washington, a impaciência crescia.

De acordo com o que se vem analisando, pelo menos a apresentação tergiversa e omite fatos reais, além de ratificar o clássico cacoete dos militares norte-americanos quando são derrotados: os políticos (Washington) começam a impacientar-se quando não são cumpridos os prazos e as formas por eles impostas. Se a isso somamos aquilo que não lhes foi permitido fazer, temos um conjunto típico de desculpas para garantir que são infalíveis ou invencíveis. Aidid, como se poder ver, é o eixo do mal, omitindo-se a existência de outros “Senhores da Guerra”, bem como contando parcialmente porque os paquistaneses foram assassinados, e porque os somalis se voltaram contra os norte-americanos (detalhe que também se observa no documentários do *The History Channel*; nesse último não se informa porque os norte-americanos passam de salvadores a inimigo número um).

Resulta magnífica a equiparação entre as remessas de alimentos, a força de paz da ONU e as tropas dos Estados Unidos. A frase “O mundo responde. Com uma ajuda de 20.000 fuzileiros dos Estados Unidos, a comida é entregue e a ordem é restaurada” não deixa lugar a dúvidas, mesmo porque pensar no fato de que são somente os Estados Unidos que estão por trás do envio e da ordem, é referir-se à ineficácia, às tropas terceiro-mundistas, à desordem. Tudo tende a contrapor civilização e barbárie, onde, é óbvio, todo aquele que não são os Estados Unidos torna-se barbárie.

Dali se passa a uma cena onde as milícias de Aidid tomam à força um caminhão de alimentos provindos de organizações internacionais, disparando de

forma brutal sobre uma multidão de civis indefesos. Sobrevoando a cena, e como para se posicionar desde o início ao espectador, um *Black Hawk* pede permissão para disparar contra os milicianos, e obtém uma resposta negativa, dado que os milicianos não estavam disparando contra eles, americanos, e se estava sob jurisdição da ONU. É de uma forma grosseiramente evidente, a repetição do discurso remanescente do Vietnã: "nós sabemos o que se deve fazer, mas os políticos sempre nos impedem". Também se deixa no ar a idéia de que somente os norte-americanos podem impor a ordem, enquanto os *capacetes azuis* paquistaneses ou malaios não o conseguem, por sua incompetência terceiro-mundista. Sem levar em consideração que esse é um discurso fundamental dos filmes de guerra norte-americanos, em que as idéias subjacentes são: a) somente cabe responder à violência com uma violência tecnologicamente superior ou de maior volume, e b) o que se pretende, desde o início, é justificar ações brutais porque os que estão à frente são brutais, e tal como os índios das Grandes Pradarias, essa é a única mensagem que eles conseguem entender.

Por outro lado, como explica Stoffels, uma vez abandonado o território pelas potências da Guerra Fria, e "ao não receberem mais apoio daqueles que antes os abasteciam, buscam-se outras fontes, voltam-se contra a população que dizem defender e roubam tudo aquilo que tem um valor mínimo no mercado, encontrando-se na ajuda internacional uma nova fonte de abastecimento" (STOFFELS, 2006).

O filme (e também o documentário) omite o esclarecimento de que a Somália foi peça no jogo mundial de xadrez, de forma tal que, como esclarece Stoffels,

(...) as potências mundiais utilizaram as rivalidades entre os distintos grupos para manter sua presença na zona. Assim, a chegada de Siad Barre em 1969 na zona viu-se favorecida por sua aproximação com os EEUU, enquanto os grupos opositores ao regime se viram apoiados pela URSS. (STOFFELS, 2006)

Uma vez que a Guerra Fria deixou de ser um problema na agenda dos Estados Unidos, a guerra civil na Somália se converteu no que os cientistas políticos chamam de "um conflito desestruturado" (STOFFELS, 2006). Esse conjunto de antecedentes, centrais para a análise das forças em pugna, é deixado de lado pelo roteirista e pelo diretor em particular, apresentando-se um olhar unidirecional sustentado na perspectiva estabelecida por Gorge Bush (pai) que "anunciou que os Estados Unidos haviam vindo fazer 'o trabalho de Deus' em uma nação devastada pela fome e pela guerra entre clãs". (MONHIOT, 2002, p. 229). Evidentemente, como diz Monhiot, isso tinha base na crença de que se pode levar a paz a uma nação utilizando-se o recurso de bombardeá-la.

O filme teve o apoio militar do Pentágono, mas com imposição de restrições. Em primeiro lugar, mudar o nome de um protagonista chave dos sucessos: o *ranger* John Stebbins. Esse soldado de elite foi condecorado com a Estrela de Prata, uma das mais altas distinções entregues pelas Forças Armadas dos Esta-

dos Unidos, por sua coragem na batalha que se desenvolveu na cidade de Mogadiscio e que deu lugar ao filme. No entanto, entre 1999 (ano em que foi escrito o livro de Bowden) e 2001 (ano em que se iniciou a produção do filme), esse destacado soldado foi levado perante um conselho de guerra e condenado a trinta anos de prisão por violentar um menino de doze anos. Esse personagem, que receberá no filme o nome de Danny Grimes, foi protagonizado por Ewan McGregor. Para mais detalhes, é o soldado que conta que sustentou sua carreira de *ranger* sem disparar um só tiro, desde o início da *Tempestade no Deserto*, exclusivamente porque preparava cafés muito bons. A maior parte dos nomes dos demais soldados foram mantido, exceto alguns dos *Delta* que continuavam em atividade.

Para receber o apoio militar e a assessoria das Forças Armadas, qualquer filme deve submeter seu roteiro à censura de um departamento específico do Pentágono, e *Black Hawk Down* não foi exceção (ROBB, 2006: 29-30).¹⁴ Se não tivesse submetido o roteiro à censura, ironizava Ridley Scott, "o filme teria que se chamar o *Huey* derrubado", (ROBB, 2006: 104)¹⁵, e por conta disso os custos pelos efeitos digitais foram incrementados em um milhão de dólares, para transformar os *Huey* em *Black Hawk*. Houve todo um conjunto de negociações sobre o roteiro, como, por exemplo, a respeito da cena em que, de um helicóptero, um *Delta* caça um javali. Os oficiais censores consideraram que não era bom mostrar membros do exército fazendo isso, já que se tornariam antipáticos aos olhos dos espectadores. Mas Ridley Scott considerava que isso ficava bem, e por isso chegou-se a um ponto intermediário, mostrando-se o início da cena e o final, quando já estão comendo o javali.

Esses exemplos mostram alguns dos problemas enfrentados pelos produtores de Hollywood ao filmar, mas também a escassa preocupação em mostrar os fatos históricos com um grau de suficiente objetividade. A negociação entre Hollywood e o Pentágono não levava em conta o ponto central, que seria a transmissão exata dos fatos (pelo menos, quando se fizessem filmes históricos

¹⁴ "Os produtores de cinema e televisão têm permitido que isso suceda porque colaborar com o Pentágono pode render muito dinheiro. O orçamento de um filme pode se ver reduzido em milhões de dólares se o exército não concorda em colaborar com sua produção. E tudo o que um produtor precisa fazer para conseguir essa ajuda é enviar cinco cópias do roteiro ao Pentágono para sua aprovação, introduzir no roteiro as mudanças propostas pelo mesmo, rodar o roteiro tal como foi aprovado e projetar a montagem final diante de um grupo de oficiais antes de sua estreia pública (...) Essa colaboração funciona porque o Pentágono tem o que Hollywood quer: acesso a milhares de milhões de dólares em forma de sofisticados equipamentos militares para imortalizar em celulóide; Hollywood tem o que o Pentágono quer: acesso à retina de milhões de espectadores e potenciais recrutas. Segundo o próprio manual do exército—*A Producer's Guide to U.S. Army Cooperation with the Entertainment Industry*— a colaboração entre as Forças Armadas e a indústria de entretenimento deve 'contribuir para o recrutamento e permanência de pessoal.'"

¹⁵ Os helicópteros *Huey*, mundialmente conhecidos porque utilizados amplamente na guerra do Vietnam, são muito inferiores em tecnologia aos *Blackhawk*, e fazem parte da frota aérea de cerca de quarenta países.

ou sobre fatos acontecidos, ou com base em fatos reais). Os produtores têm objetivo de lucro, e quando a realidade se interpõe em seu caminho, ela é fácil e rapidamente sacrificada; o Pentágono tem o objetivo de construir uma visão da verdade dos fatos que justifique seus atos, de forma independente caso resultem funcionais ao objetivo que os origina (a defesa dos interesses do seu país). Isto é, uma coisa é mostrar uma realidade favorável aos Estados Unidos, e outra é mostrar uma perspectiva favorável ao Exército dos Estados Unidos, ainda quando a política desse país resulte tergiversada, mal-interpretada ou somente falseada. Um bom exemplo disso é o filme *Treze dias que abalaram o Mundo*. Que versão seria conhecida caso se tivesse aceito a censura do Pentágono? Quanto incidiu no roteiro as pressões eventuais das Forças Armadas dos Estados Unidos?

Para entrar na Somália as tropas norte-americanas tiveram dois grandes problemas. O primeiro era a informação com que contavam e aquela que tinham se preocupado (ou não) em buscar. Antes de entregar a administração das zonas seguras ao controle das Nações Unidas (da UNITAF e da UNOSOM II), o comandante militar – e responsável político subordinado ao governo dos Estados Unidos – cometeu vários erros substanciais. Tal como havia feito no Afeganistão com Osama Bin Laden, ele havia se apoiado dois Senhores da Guerra contra os demais. Um deles era Mohamed Farah Aidid, e o outro era Ali Mahdi, e ele os havia sustentado e protegido quando seu poder estava cambaleando, ou seja, ao invés de resolver os problemas entre os clãs, os Estados Unidos, com sua ingerência, os havia piorado. Segundo Monhiot, a tomada da rádio de Aidid, assim como o fato de disparar sobre uma multidão de civis efetuada pelos paquistaneses foram erros graves, sob responsabilidade do chefe da missão (o Almirante Howe, que era americano). Aqui, como sucede normalmente quando as decisões políticas são tomadas por um militar americano, inicia-se a escalada militar. Para buscar o que a Inteligência norte-americana denominou o “Hitler da Somália”, tomou-se a decisão de levar forças especiais. E como sucede normalmente quando o interesse e o prestígio do exército dos Estados Unidos estão em jogo, os problemas são ultra-simplificados, para gerar condições políticas afins às suas necessidades (ou, para dizer em outras palavras, a resolução do problema ao estilo de Carl Schmidt, a antinomia *amigo – inimigo*).

Essas forças especiais, como detalha Monhiot,

(...) mal informadas e demasiadamente confiantes, atacaram os quartéis-gerais do programa de desenvolvimento da ONU, o programa de caridade *World Concern* e os escritórios do Médicos Sem Fronteiras. Capturaram, entre centenas de civis inocentes e trabalhadores sociais, o chefe de polícia da ONU. (MONHIOT, 2002, p. 230).

Depois, tal como se tenta mostrar de forma meio embaçada no documentário ataca-se um edifício onde se encontravam reunidos os membros principais do clã de Aidid a fim de “discutir um acordo de paz com a ONU, e as forças dos Estados Unidos, tão mal informadas como sempre, os fazem voar

pelos ares. Morreram cinquenta e quatro pessoas”.¹⁶

Quando se produz o incidente narrado pelo filme, não apenas se omite essa sucessão de provocações político-militares. Toma-se o incidente como um fato individual e isolado, quando na realidade a crise de 3 de outubro de 1993 foi uma a mais num conjunto de fatos que levaram as coisas a um ponto sem retorno. Na verdade, não somente os milicianos de Aidid atacaram, mas também todos os grupos dispararam contra as forças especiais norte-americanas para vingar os civis assassinados. Para coroar sua ação brutal, os soldados cercados pelos somalis, a fim de preservar sua integridade, se fecharam em uma casa sitiada, levando consigo mulheres e crianças como escudos humanos.

Uma boa síntese da perspectiva que o filme pretendeu dar foi sintetizada por Monhiot:

O propósito do ataque de 3 de outubro, sugere o filme de Scott, era impedir que as forças assassinas de Aidid matassem de fome toda a Somália. Não se dá nenhuma pista sobre a guerra entre Aidid e a ONU, nada, exceto o ataque inicial contra as tropas paquistanesas. Não se reconhece que já havia passado o pior da situação de fome, nem que as tropas dos Estados Unidos haviam deixado de ser parte da solução. Apaga-se do informe a tomada de reféns por parte dos Estados Unidos, e também o papel crucial que tiveram os soldados malaios no resgate das tropas assediadas. No lugar disso – e desde o 11 de setembro isso se converteu num tema familiar – a intenção de capturar os homens de Aidid se converte numa luta entre o bem e o mal, entre a civilização e a barbárie. (MONHIOT, 2002: 231)

Este último é o ponto central. A tensão civilização versus barbárie é o fio condutor de todo o filme. Como já se indicou anteriormente, sempre os brancos carregam a missão de civilizar a barbárie negra, sempre os brancos têm posições éticas, enquanto seus inimigos são brutais, insensíveis, inumanos, egoístas – em suma, procedem como uma manada de bestas selvagens, sem sentimentos nem racionalidade. Contrariamente, nunca se mostra no filme os soldados norte-americanos disparando contra civis, mulheres ou crianças, salvo se eles o fazem quando sua própria vida esteja em jogo. Cabe aqui recordar a frase de van Arsdale, quando sustentou sem nenhum tipo de remorso que não se podia medir a moralidade dos seus atos ao disparar contra mulheres ou crianças.

Mas a barbárie não é ingênua, por isso podem ter acesso à tecnologia para praticar com mais eficiência sua maldade. Veja-se a cena em que os helicópteros saem para a missão do três de outubro, e uma criança com um celular liga a um personagem subordinado a Aidid, mas com características de chefe in-

¹⁶ E se explica o afã de vingança de todos os demais clãs: “Assim, conseguiram converter-se em inimigos de todos os somalis. As forças especiais se viram hostilizadas de todos os ângulos. Como represália, as tropas americanas na zona da ONU começaram a disparar mísseis contra áreas residenciais de Mogadíscio”. (MONHIOT, 2002: 230).

termediário¹⁷, a fim de informar, através de um telefone tecnologicamente moderno, o ataque.

Nessa linha também está o diálogo que o general Garrison mantém com quem os norte-americanos entendiam ser o financista de Aidid, o Sr. Otto (não se diz o primeiro nome). Capturado em uma missão impecável, esse foi levado ao quartel general das tropas norte-americanas em Mogadiscio, o Aeroporto Internacional da referida cidade. Ali, em um quarto fechado, usado às vezes como sala de interrogatório, é mantida a seguinte conversa:

Sr. Otto (enquanto oferece um charuto ao general Garrison): General Garrison...

General Garrison: Não, obrigado. Tenho um.

Sr. Otto: Mas este é cubano. Bolívar Belicoso.

General Garrison: Este também.

Sr. Otto: Miami, meu amigo, não é Cuba (acende o charuto). Vejo que capturar Aidid está se convertendo numa rotina...

General Garrison: Não queríamos capturar Aidid, queríamos capturar você.

Sr. Otto: A mim? Mas eu sou importante? Duvido muito.

General Garrison: Você é um homem de negócios.

Sr. Otto: Trato de ganhar a vida...

General Garrison: Vendendo armas para a milícia de Aidid...

Sr. Otto: Há quanto tempo vocês estão aqui? Seis semanas? Em seis semanas você tratou de capturar o General, espalhou cartazes de recompensa. 25.000 dólares... Que é isso? Duelo de pistolas no Teatro de Comédias K.O.?

General Garrison: (breve risada) É o K.O. Teatro de Comédia...

Sr. Otto: Pensa que trazer-me aqui fará com que ele venha até aqui? Que se torne mais acessível?

General Garrison: Bom, você sabe onde ele dorme. Você paga por sua cama, sem considerar sua milícia. Não deixaremos a Somália até que o encontremos. E vamos encontrá-lo.

Sr. Otto: Não cometa o erro de pensar que, porque cresci sem água encanada, sou um ingênuo, General. Sei algo de História. Vê tudo isso? Simplesmente estamos formando o amanhã. Um amanhã sem as idéias de um montão de rapazes brancos do Arkansas (o estado de Bill Clinton).

General Garrison: Não sei muito disso. Sou do Texas.

Sr. Otto: Senhor Garrison, penso que não devia ter vindo aqui. Esta é uma guerra civil, esta é a nossa guerra, não a sua.

General Garrison: 300 mil mortos Isto não é uma guerra, Sr. Otto, isto é um genocídio. Agora desfrute do seu chá.

O recorte escolhido torna-se eloqüente em vários sentidos. Em primeiro

¹⁷ É interessante a criação desse personagem, já que ele representa a essência do mal. Como decidem não apresentar Aidid, o fazem com um subordinado seu, com liderança e capacidade de mando, mas ferocidade e brutalidade sem limites, ainda que sem nome. Esta apresentação lhes permite tornar a brutalidade extensiva a todos os que representam a política de Aidid, e como se disse antes, colocam em contraposição os termos bons/tropas americanas *versus* maus/Aidid ou seus guarda-costas como eixos da luta entre o bem e o mal.

lugar, a partir da construção fílmica. É por ela que

(...) a ficção nos permite selecionar e sintetizar acontecimentos e marcar, com eles, processos que Rosenstone denomina *condensação*. Então, se se aceita que as narrativas escritas são “ficções narrativas”, as narrativas visuais, diz, devem ser consideradas “ficções visuais”, isto é, representações tão reais do passado como os livros. (NIGRA, 2007, p. 79)

Essa conversa transcrita acima será uma condensação, que pode nunca ter existido. Através dela pode-se dizer coisas que, de outra forma, levaria mais imagens, mais tempo e não necessariamente chegaria ao ponto; ou, sobre a recompensa, que não foi proposta por Garrison, mas pelo Almirante Howe. A condensação pode ser sido feita para contar o que passou, ou talvez para mostrar o olhar do selvagem sobre as práticas do civilizado. O paradoxal é que o civilizado, em Território Índio, procede com a lógica do distante e selvagem oeste...

Em segundo lugar, a cena mostra a brutal reflexão do bárbaro, que não deixa de ser culto, inteligente e politicamente racional, ainda que sua racionalidade não seja a do homem branco. Aqui é onde entra a análise do segundo grande tipo de problemas que foram mencionados antes; com relação ao mandato que se recebeu, paralelamente à posição assumida pela Organização das Nações Unidas. Para dizer de outra maneira, a formulação ética e cultural com que se organizaram as expedições UNOSOM I e II, e a intermediária, a missão UNITAF. Em poucas palavras, conceder o mandato a uma força expedicionária (ainda que seja de *capacetes azuis*, não deixa de ser um paradoxo, o fato de enviar soldados para conseguir a paz), com critérios que podem ser profundamente humanos, éticos e morais, mas que pertencem ao Ocidente. Sem pretender aqui abrir um debate, surge a dúvida sobre o critério a partir do qual se entende “ordem”, “sistema político” ou qualquer dos objetivos traçados pela ONU ao decidir pela intervenção.

O simbólico joga um papel permanente no filme de Ridley Scott. Vale como exemplo a cena que mostra quando a maioria das tropas consegue regressar ao estádio de futebol, que era o acampamento de outras forças da ONU, momento em que o general Garrison entra no hospital de campanha das forças paquistanesas e vê que de uma padiola cai um jorro intenso de sangue. O gesto dele é ajoelhar-se, pegar um par de toalhas brancas e começar a limpar o sangue do piso, de forma compulsiva e com evidente angústia. A interpretação do gesto fica para o leitor.

Para terminar, merecem ser transcritas as últimas cenas, sobre o final da película, que dá justificativa à tarefa da Força Delta – e não apenas a ela. A primeira cena, quando estão no estádio de futebol, reagrupando-se e reabastecendo-se as tropas americanas para voltar à cidade e resgatar os que lá ficaram (entre eles, o piloto de helicóptero Michael Durant). O Delta que havia caçado o javali tem um diálogo relevante com o personagem de Eversmann. Este lhe

pergunta se vai “entrar de novo”. Então *Hoot Hooter* lhe diz:

Ainda há homens lá. Maldição. Quando eu for para casa e as pessoas me perguntem: ei, Hoot, por que você fez aquilo? Por que? Você é viciado em guerra? Não direi nem uma maldita palavra. Eles não vão entender porque fizemos isso. Não podem entender que a razão é o homem que está ao nosso lado. E isso é assim. Tudo é assim e nada mais. [Evermann pega munições, num gesto de acompanhá-lo] Ei! Nem pense em ir, está bem? Eu me viro melhor sozinho. Começamos agora uma nova semana. Hoje é segunda-feira.

É chamativo o sentido das palavras do soldado. Elas são ditas pelo mais irreverente dos personagens mostrados no filme, ainda que fosse um dos melhores combatentes. O primeiro sentido que se pode desvelar é a mensagem que havia por trás das palavras: Não era um viciado em guerra (*war junkie*), mas uma pessoa nobre que daria sua vida por um nobre objetivo: pelo homem que está ao seu lado. Mas o que significa o homem que está ao seu lado? A primeira leitura, e talvez a mais superficial, se refere ao espírito de corpo que todo exército do mundo pretende. Esse espírito de corpo é similar ao que buscavam os espartanos para garantir que cada homem lutaria pelo que estava ao seu lado, como este lutaria por ele também. Mas aqui deve entrar a análise do contexto de produção da referida frase, e então ela toma um sentido universal, humanitário: ir lutar numa cidade abarrotada de inimigos pelo homem que é seu companheiro, ou seja, vamos exercer o ato humanitário apesar da barbárie. É um Kurtz (de *O Coração nas Trevas*) convertido em um Delta, um comando que dispõe de toda a tecnologia e conhecimento das artes da guerra, para garantir que a missão do homem branco possa ser exercida apesar da barbárie. No interior da história que se vem narrando, a cena era artificial e sem sentido. Dentro do contexto analisado, ela é substancial para mostrar que as tropas norte-americanas vão levando sua mochila, como tão lucidamente destacou Rudyard Kipling. Além disso, a mochila, essa missão do homem branco era, para pessoas como Hooter, um trabalho, algo normal, o que se faz de segunda-feira a domingo (por isso ele diz que é segunda-feira e começava uma semana nova).

A segunda cena vem logo a seguir, com o sargento Eversmann falando a um soldado morto. Ele diz:

Eu falava com Blackburn outro dia e ele me perguntou: o que mudou: por que não vamos para casa? E eu lhe disse: nada? Mas não é verdade, não? Eu creio que tudo mudou. Eu sei que eu mudei. Sabe, um amigo me perguntou antes que chegarmos aqui, quando embarcamos, ele me perguntou: por que vocês vão lutar numa guerra alheia? O que pensam, vão ser heróis ou o quê? Não soube o que dizer nesse momento, mas se me perguntar novamente, direi agora que não. De nenhuma forma. Ninguém pede para ser um herói, mas às vezes as coisas simplesmente acontecem assim.

O altruísmo do soldado branco norte-americano é a referência. Ele não

busca fazer coisas heróicas, mas a vida o leva a fazê-las. Nós, os representantes da civilização, fazemos coisas que os bárbaros não fazem. Eles morrem como nasceram, ignorando o porquê e o para quê.

Como disse Jacob G. Hornberger, enquanto a obrigação dos soldados é seguir ordens sem questionar a missão a que são enviados, "o dever da cidadania é questionar e desafiar as missões para as quais seu governo envia homens e mulheres para agir. Tal como os americanos, aprenderam isso pelo caminho mais difícil, o governo dos Estados Unidos às vezes sacrifica os soldados americanos por causas sem valor..." (HORNBERGER, s.d.)

A mensagem geral do filme, então, reforça "o imperialismo dos Direitos Humanos" (NIGRA y POZZI, 2009), sem dúvida nenhuma.

Referências Bibliográficas

BASTIDA, Anna. "**El conflicto de Somalia**", Disponível em <http://www.solidaritat.ub.edu/observatori/esp/dossiers/somalia/somalia.htm#conflicto>

FERRO, M. **Historia Contemporánea y Cine**. Barcelona: Ariel, 1995.

FORSYTH, S. "Hollywood recargado: el cine como una mercancía imperial". In: PANTICH, L.; COLIN, L. (Org.) **El Imperio Recargado**; Socialist Register 2005; Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 145-164.

HORNBERGER, J. "**La caída del Halcón Negro y los militares estadounidenses**", Disponível em www.fff.org/comment/com0203f.asp.

HUGHES, B. "*De Wallace a Braveheart*: Antecedentes históricos de un mito". In: URIOZ, J. (ed.). **Historia y Cine**. Alicante, España: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 1999, p.119-130.

KAPLAN, R. D. **Tropas Imperiales**. Barcelona: Ediciones B, 2007.

MONHIOT, G. "Cine: Salvador y víctima. El mito norteamericano en *Blackhawk Down*". **Taller, Revista de Sociedad, Cultura y Política**, v. 6, nº. 18, abril de 2002, p. 229-232.

NIGRA, F. "Sobre la historia norteamericana, versión Hollywood. Algunas hipótesis de trabajo". **Siembra, Revista de Artes y Humanidades de la Universidad Autónoma de Chapingo**, Año 3, nº. 7, maio-agosto de 2007, p. 21-28.

NIGRA, F. "El discurso histórico hecho cine: la mirada norteamericana". **De Sur a Norte, perspectivas Sudamericanas sobre Estados Unidos**, v. 8, nº. 16, Buenos Aires, 2007, p. 77-92.

NIGRA, F.; POZZI, P. **La decadencia de los Estados Unidos. De la crisis de 1979 a la megacrisis de 2009**. Buenos Aires: Ed. Maipue, 2009.

ORGANIZACIÓN DE LAS NACIONES UNIDAS, OPERACIONES DE PAZ FINALIZADAS, "**UNOSOM II – UNOSOM II**", Disponível em http://www.un.org/spanish/Depts/dpko/dpko/co_mission/unosom2.htm. O texto foi adaptado de **Blue Helmets: A Review of United Nations Peacekeeping** (Los cascos azules: revista de las operaciones de mantenimiento de la paz de las Naciones Unidas), publicação das Nações Unidas distribuída em dezembro de 1966.

RANALLETTI, M. "Entrevista a Robert Rosenstone". **Entrepasados**, Año VIII, nº15, 1998, p. 100-104.

ROBB, D. L. **Operación Hollywood**. *La censura del Pentágono*. Barcelona: Océano, 2006.

ROSENSTONE, R. "Historia en imágenes, historia en palabras". In: ROSENSTONE, R. **El pasado en imágenes. El desafío del cine a nuestra idea de la historia**. Barcelona: Ariel, 1997, p. 27-42.

SÁNCHEZ RUIZ, E. "Una aproximación Histórico Estructural a la Hegemonía Planetaria del Cine Estadounidense". **Revista de la Universidad de Guadalajara**, Colección de Babel, Guadalajara, 2003. (Es un folleto, publicación autónoma ISBN 970-93769-0-X)

STOFFELS, R. A. "Blackhawk derribado. Guerra en Somalia e intervención internacional". **Caleidoscopio** (revista electrónica), nº. 6, jun. 2006, p. 1-5.

SORLIN, P. **Sociología del Cine**. México: FCE, 1993

Bibliografía complementar

AMNISTÍA INTERNACIONAL. **Actualización sobre una tragedia: Propuestas de Derechos Humanos** del 30 de abril de 1993 (Índice de AI: AFR/52/93/s, Distr: SC/CO)

ALLEN, R.; GOMERY, D. **Teoría y práctica de la Historia del Cine**. Barcelona: Paidós, 1995

AAVV. **Past Imperfect. History according to the movies**. New York: Owl Books, 1996.

LAGNY, M. **Cine e Historia. Problemas y métodos en la investigación cinematográfica**; Barcelona: Bosch, 1997.

LANDY, M. (Ed.) **The Historical Film: History and Memory in Media (The Depth of Film Series)**. Rutgers: Rutgers University Press, 2001.

MALLIMACCI, F. y MARRONE, I. (Comp.) **Cine e Imaginario Social**. Buenos Aires: UBA, 1997.

BORDWELL, D; STAIGER, J.; THOMPSON, K. **El cine clásico de Hollywood**.

Barcelona: Paidós, 1996.

CAMARERO, G. et alii. **La mirada que habla (cine e ideologías)**. Madrid: Akal, 2002.

ENGELHARDT, T. **El fin de la cultura de la victoria**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

ROQUEMORE, J. **History Goes to the Movies: A Viewer's Guide to the Best (and Some of the Worst) Historical Films Ever Made**. New York: 2001.

WILSON, W.; HERMAN, G. **American History on the Screen: A Teachers Resource Book on Film and Video**. New York: J. Weston Walch Publishing, 2002.